

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A ARTESANIA FEMININA EM TEFÉ – AM POR DENTRO DAS  
ENTRELINHAS DA HISTÓRIA**

**Tefé - AM  
2022**

**MARIA RAIMUNDA LIMA DA COSTA**

**A ARTESANIA FEMININA EM TEFÉ – AM POR DENTRO DAS  
ENTRELINHAS DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado do Amazonas – Centro de  
Estudos Superiores de Tefé – Curso de Licenciatura  
em História para obtenção do Título de Graduada em  
História.

**Orientadora: Profa. Dra. Solange Pereira do  
Nascimento**

**Tefé - AM  
2022**

**MARIA RAIMUNDA LIMA DA COSTA**

**A ARTESANIA FEMININA EM TEFÉ – AM POR DENTRO DAS  
ENTRELINHAS DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado do Amazonas – Centro de  
Estudos Superiores de Tefé – Curso de Licenciatura  
em História para obtenção do Título de Graduada em  
História.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Pereira do  
Nascimento

**Aprovada em 15 de outubro de 2022.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Solange Pereira do Nascimento (Presidente)

---

Prof. MSc Cilene de Miranda Pontes (Membro)

---

Profa. MSc. Adilma Portela da Fonseca Torres (Membro)

***Epígrafe***

*Há alguns anos sonhei que entrava num amplo jardim circular, rodeado por um alto muro coberto de hera. No centro do jardim, havia uma grande pedra, parecida com um minarete.*

*Ao longo do muro, em volta do centro, existiam pequenas grutas, também cobertas de hera. Em cada uma dessas grutas, ficava uma mulher, cercada por símbolos sagrados, diferentes de uma para outra.*

*Então fui me aproximando de cada uma delas e perguntando: “Quem é você? Como você chegou aqui? Me conta sua história”?*

***Beatriz Del Picchia (2010, p. 11).***

### *Agradecimentos*

Agradeço imensamente a Deus e Jesus Cristo que sempre estão comigo nas horas boas e ruins. Mas, Deus foi o diferencial e sempre esteve ao meu lado ensinando a ter paciência e aguardar o momento certo para cada acontecimento da minha vida. A palavra que resume todo amor e confiança que sinto pela oportunidade que tenho em cada dia ser um pouco melhor é gratidão.

Agradeço a Universidade do Estado do Amazonas na pessoa do reitor André Luiz Nunes Zogahib, à Pró-Reitoria de Interiorização, À Gestão Superior do CEST e especialmente o Curso de História.

A minha orientadora que me ajudou a refletir e encontrar o direcionamento certo do trabalho.

Um agradecimento especial às mulheres artesãs de Tefé, pela sua luta, sua história e pela gentileza em me permitir adentrar no seu universo que gerou este trabalho de conclusão e curso.

Agradeço a minha família, meu porto seguro de todas as horas e a paciência das minhas filhas no momento de trabalho de campo e escritas prolongadas.

A todos os amigos, que nos momentos que quase desisti souberam usar as palavras certas para me fazerem continuar, e em especial Felicidade e Aucilézia, vocês são responsáveis por essa conquista, porque acreditaram em mim e me fizeram acreditar também, muito obrigado.

Meu muito obrigada a todos e todas que contribuíram para melhorar o trabalho com seus conselhos e paciência.

## RESUMO

A propositura deste trabalho tem como objetivo conhecer o trabalho das mulheres artesãs de Tefé – AM e sua participação no mundo do trabalho a partir dos estudos historiográficos do lugar e apresentar a academia a atuação das mulheres ainda invisibilizadas na história. A metodologia de nosso trabalho segue o aporte da história que requer uma leitura densa e reflexiva através dos autores sobre o tema referido (THOMPSON,1988) pontuando o lugar das mulheres na economia do Médio Solimões e a artesanaria como um conceito não puramente estético, mas, artesanaria enquanto tessituras do pensamento a partir de nossas inflexões. Assim, constatamos a importância das mulheres empreendedoras para a sociedade, uma vez que a sua participação na economia gera renda e empregos. Além disso, percebemos a sua contribuição para a sociedade contemporânea, ao administrar múltiplas jornadas entre família e trabalho, tornando-se autônomas. Ainda que se observem desigualdades existentes entre os gêneros, a mulher tem conquistado seu lugar na economia local e conseqüentemente do Estado. Se ainda, pensarmos que o trabalho das mulheres é de menos importância que os homens, por trazer outras perspectivas como por exemplo, um trabalho mais voltado para a economia solidária, onde juntas lutam pelos mesmos interesses, ou ainda que tem seu ponto chave na sobrevivência da família, é importante frisar que elas sempre contribuíram com a renda da casa e hoje, mais do que nunca, são as mulheres que sustentam seus lares. São mãos que na artesanaria da vida vão se reconstruindo e construindo histórias.

**Palavras-Chave:** artesanato, trabalho e renda, economia, empreendedorismo, Tefé-AM, história.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to know the work of women artisans from Tefé - AM and their participation in the world of work from the historiographical studies of the place and to present to the academy the performance of women still invisible in history. The methodology of our work follows the contribution of history that requires a dense and reflective reading through the authors on the mentioned topic (THOMPSON, 1988) punctuating the place of women in the Middle Solimões economy and craftsmanship as a concept not purely aesthetic, but , craftsmanship as weaves of thought from our inflections. Thus, we see the importance of women entrepreneurs for society, since their participation in the economy generates income and jobs. In addition, we perceive their contribution to contemporary society, by managing multiple journeys between family and work, becoming autonomous. Although there are existing inequalities between genders, women have conquered their place in the local economy and consequently in the State. If we still think that women's work is of less importance than men, because it brings other perspectives, such as work more focused on the solidarity economy, where together they fight for the same interests, or even that has its key point in survival. of the family, it is important to emphasize that they have always contributed with the household income and today, more than ever, it is women who support their homes. They are hands that in the craftsmanship of life are reconstructing and building stories.

Keywords: handicrafts, work and income, economy, entrepreneurship, Tefé-AM, history.

## ILUSTRAÇÕES DAS FIGURAS

<b>Imagem 1-</b> artesanato em decoupage.....	20
<b>Imagem 2-</b> artesanato na feira municipal de Tefé.....	41
<b>Imagem 3-</b> artesanato indígena, teçumes e biojóias.....	44
<b>Imagem 4-</b> artesã com seus produtos na casa do artesão.....	45
<b>Imagem 5-</b> artesanato da casa do artesão.....	46

## SIGLAS

**CETI-** Centro Educacional em Tempo Integral

**EMBRAPA-** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**GEM-** Global Entrepreneurship Monitor

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IFAM-** Instituto Federal do Amazonas

**PEA-** População Economicamente Ativa

**PIB-** Produto Interno Bruto

**SEBRAE-** Serviço de Apoio às Micros e Pequenas



## **SUMÁRIO**

### **INTRODUÇÃO**

### **CAPÍTULO I - UM SOBREVOO PELO CAMPO DE PESQUISA – TEFÉ E SEUS CENÁRIOS**

- 1.1 Tefé, Vila de Ega, quem és Tu?
- 1.2 Tefé e a sua sustentabilidade econômica
- 1.3 A arte de tecer empreendendo

### **CAPÍTULO II – A ARTESANIA POR DENTRO DA VIVÊNCIA FEMININA NO MUNDO DO TRABALHO**

- 2.1 A mulher artesã da vida
- 2.2 A mulher e o mundo do trabalho
- 2.3 O artesanato como ressignificação da vida

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **REFERÊNCIAS**

## INTRODUÇÃO

A Amazônia é um lugar que sempre nos surpreendente. Como uma grande teia, tudo se converge ao seu centro e dele emanam perguntas e respostas ainda que passíveis de contradições ou não. Neste processo só nos é permitindo tecer juntos e dessa tessitura sermos capazes de cobrir nossa nudez às vezes espiritual, às vezes intelectual. O mais importante é seguirmos em direção ao centro, carregando as novidades de suas margens.

Falar das mulheres artesãs de Tefé e do seu trabalho é parte desta tessitura que ora se inicia na brevidade deste trabalho de conclusão de curso. Num dado momento da vida, a vida nos surpreende. Olhando minha própria história e sobre ela debruçando meu olhar percebi que o mundo em que vivemos não gosta de ouvir histórias vistas de baixo como diz Thompson (1998). Nesta perspectiva esta pesquisa alcançou as artesãs de Tefé no Amazonas, com as quais me identifiquei, pois entre agulhas, máquinas, tecidos e retalhos elas vão criando e recriando histórias de luta e sustentabilidade na Amazônia.

O artesanato faz parte da minha vida desde que eu tinha dez anos de idade. Comecei tecendo crochê, porém quando completei 13 anos passei a me interessar pela costura, quando senti a necessidade de fazer roupas de uso próprio, pois éramos muitos irmãos e meus pais não tinham condições de comprar roupas para todos. Observava minha mãe costurando em sua máquina de pedalar, e com ela aprendi a manusear o pedal daquela velha máquina e os pedaços de pano que se transformavam em nossas roupas.

Hoje sei que aquelas horas ao lado de minha mãe faziam os meus olhos brilharem porque não entendia aquilo somente como um trabalho, mas, especialmente como arte. Minha mãe foi uma artista e dessa arte lá se vão 34 anos de profissão até o momento.

É por essa razão que me detive durante o último semestre da graduação a buscar por dentro da historiografia de Tefé – AM, a presença das mulheres como artesãs do tempo, tecendo sua história no mundo do trabalho e marcando sua presença feminina na economia do Médio Solimões e do Amazonas.

A propositura deste trabalho tem como objetivo conhecer o trabalho das mulheres artesãs de Tefé – AM e sua participação no mundo do trabalho a partir dos estudos historiográficos do lugar e apresentar a academia a atuação das mulheres ainda invisibilizadas na história.

A metodologia de nosso trabalho segue o aporte da história que requer uma leitura densa e reflexiva através dos autores sobre o tema referido (THOMPSON) (CERTEAU) pontuando o lugar das mulheres na economia do Médio Solimões e a artesanaria como um conceito não puramente estético, mas, artesanaria enquanto tessituras do pensamento a partir de nossas inflexões.

Assim, no capítulo I fazemos um sobrevoo pela história de Tefé e os processos que a constituíram. No Capítulo II – nos dedicamos a pensar a artesanaria por dentro das lutas das mulheres em ocupar seu lugar no mundo do trabalho.

Deste modo, metaforicamente dizer que a partir do pedal da máquina de costura que me fez adentrar por esta pesquisa reconstruindo memórias do passado de cunho pessoal, ser capaz de refletir sobre a vida das mulheres e suas trajetórias na história.

## **CAPÍTULO I - UM SOBREVOO PELO CAMPO DE PESQUISA – TEFÉ E SEUS CENÁRIOS**

### **1.1 Tefé, Vila de Ega, quem és tu?**

Nesse processo de artesanía apresentaremos o campo de pesquisa através de sua história, resgatando memórias de um lugar preñado de sutilezas e encantos a cada curva sinuosa do Velho Rio Amazonas também conhecido como Solimões.

O nosso trabalho de pesquisa de cunho historiográfico nos leva a adentrar o Município de Tefé – AM. Para chegarmos as personagens de nosso trabalho, temos que conhecer a sua cidade, onde ela está localizada. Estamos falando do município de Tefé/M, antes conhecida como Vila de Ega. Por aqui povos Nuaruaques, Caixanas, Jumanas, Passés, Uainumás, Catuquinas, Jamamadís, Pamanas, Juris, Jurimaguas, Tupebas ou Tupibàs aportaram suas canoas, construíram suas roças até a invasão europeia. PESSOA (2005) afirma que, espanhóis e portugueses disputaram o território em sangrentas batalhas entre si e contra os habitantes tradicionais entre os séculos XVII e XVIII. Sob administração lusitana, no lugar foi fundada uma vila, em 1759. À época, Tefé era bem maior do que hoje, com uma extensão maior que 500.000 quilômetros quadrados. Somente no dia 15 de junho de 1855 foi elevada à categoria de cidade na então Província do Amazonas, data oficial de seu natalício municipal.

Tefé é hoje, a maior cidade em população da região do Médio Solimões, com população estimada de 60.154 pessoas, de acordo com o IBGE ((2010). A cidade concentra importantes serviços públicos que são procurados pela população rural e por moradores de municípios vizinhos. O comércio é o carro-chefe da economia urbana, com grande presença de lojas varejistas e atacadistas, agências bancárias, hotéis e supermercados.

No setor primário, destacam-se a agricultura, pecuária, pesca e o extrativismo vegetal. A cidade possui dois hospitais públicos e postos de saúde em diversos bairros. De acordo com o IBGE (2010), são 26 estabelecimentos de saúde municipais e cinco privados. Também possui um campus da Universidade do Estado do

Amazonas (UEA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e um Centro de Educação de Tempo Integral (CETI).

O município está localizado aproximadamente 545 quilômetros de Manaus, capital do Amazonas. É um entreposto estratégico na Amazônia Central, praticamente a meio caminho entre Manaus e a Colômbia

Para entender a formação da cidade de Tefé, os dados geo-históricos possibilitaram mostrar os primeiros passos desta pesquisa em traçar um perfil de compreensão, que envolveu a região Norte em uma potência pelo seu poderio de recursos naturais, classificado por Browder e Godfrey (2006, p. 23), como: “*boom-bust*”, que faz referência sobre os ciclos de mercadorias primárias, tipicamente, conhecidas como: drogas do sertão, látex da borracha, ouro, diamantes e madeira de lei.

Compreender este momento da história do município de Tefé talvez seja fundamental para se captar a organização dos lugares que giravam em torno das grandes potências do Norte, Manaus e Belém. Do abismo criado entre essas duas regiões, surgiu no cenário amazônico duas grandes metrópoles dos assentamentos menores do interior, marcando a paisagem e evidenciando as contradições que ocorrem no tempo-espço dos lugares. Para Browder e Godfrey (2006, p. 23),

Até 1960, apenas 22 cidades em toda a Região Norte do Brasil possuíam população excedendo 5.000 habitantes. Apenas duas dessas cidades (Belém e Manaus) tinham mais de 100.000 habitantes. Porém, já em 1991, o número de cidades maiores do que 5.000 habitantes, havia crescido para 133, oito das quais excediam 100.000 habitantes de acordo com estimativas oficiais. Embora a economia regional ainda seja dependente dos ciclos econômicos de *boom-bust*, um sistema urbano mais extensivo e diversificado tem surgido nos últimos anos. Os programas contemporâneos de integração econômica, patrocinado pelo Estado em conjunto com capital privado, têm encorajado a migração em massa para cidades insulares. Estes movimentos populacionais têm transformado a estrutura das ocupações tradicionais da Amazônia, estreitando o amplo abismo entre níveis superiores e inferiores da hierarquia urbana regional. Pela primeira vez, a população urbana tende a assenta-se principalmente em pequenas e médias cidades (BROWDER; GODFREY, 2006, p.23).

As cidades do Amazonas recebem influência direta da Capital Manaus; a dinâmica das cidades pode ser estabelecida pelo rio ou por rodovias que ligam as mesmas à capital. O comércio é o principal setor aquecido por esta rede de transporte que vem desenvolvendo maiores facilidades de acesso com a capital e possibilitando maiores redes de conexão com os lugares. Assim, onde as estradas nos levam a algum

lugar; os rios também assumem esse papel fundamental na vida de milhares de amazonenses ao assumir esta rede de fluxo de abastecimento através do Rio Solimões.

O transporte empregado, tanto para a condução dos moradores, quanto para o escoamento da produção é feito pelos rios, utilizando barcos, navios, lanchas e canoas. Pode-se encontrar alguns relatos da história da cidade Tefé em algumas obras, entre elas: Protásio Lopes Pessoa, In: “História da Missão de Santa Tereza D'Avila dos Tupebas” (2005); Kristian Oliveira de Queiroz In: “A Formação Histórica do Território Tefeense” (2015), são algumas das referências que falam sobre este lugar e sua gente.

Também podemos encontrar relatos da História de Tefé nas dissertações de Eubia Andréa Rodrigues “Rede Urbana do Amazonas: Tefé como Cidade Média de Responsabilidade Territorial na Calha do Médio Solimões” (2011) e Sandrielle Pessoa dos Santos “Tempo e Espaço na Amazônia Colonial: Da Vila de Ega à Cidade de Tefé Séculos XVIII e XIX” (2016), estas obras exaltam períodos da formação do espaço geográfico tefeense.

A história deste lugar começa por volta dos anos de 1686 e 1688, quando o Padre Samuel Fritz, começa a fundar suas missões. Segundo Queiroz (2015), Fritz foi fundador de várias povoações ou missões, que vieram futuramente a se tornar cidades no Rio Solimões.

A conquista se inicia com as missões espanholas no século 17, consolidadas como trabalho do padre jesuíta Samuel Fritz, que em 1688 fundou a missão de Santa Tereza D'Ávila dos Auxiaris, na barra do rio Tapi (Tefé). Logo a seguir vieram os carmelitas portugueses para disputarem o território com espanhóis, foram combatidos por estes sob o comando do jesuíta João Batista Sanna, até, que finalmente em 1910, o governador do Pará mandou uma tropa para expulsar os missionários espanhóis da região (PESSOA, 2005, p.7).

O processo de colonização e conquista realizada pelos religiosos organizados em missões, levando novas culturas e catequizando os indígenas que ali moravam e a luta entre espanhóis e portugueses por território trouxe sérios agravantes com intensas batalhas. O resultado foi a morte de nativos que perderam suas vidas, foram poucos os que sobreviveram. Alguns, foram acolhidos, como afirma Pessoa (2005, p.7) “Foi o carmelita Frei André que, reuniu os sobreviventes das aldeias e missões destruídas e os trouxe para o lugar onde fica hoje a cidade, fundando em 15 de outubro de 1718 a Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupebas, que se desenvolveu e originou a cidade de Tefé”.

Nota-se que esta é parte da história tefeense, que faz referência ao carmelita Frei André, como uma pessoa importante para a fundação da cidade de Tefé, que como ressalta Pessoa (2005),

No ano, 1855, o deputado João do Rego Dantas apresentou à Assembleia Legislativa Provincial o projeto de Resolução propondo a evolução com o nome de cidade de Nova Teresina. Após discussão votação, foi aprovado a Resolução no 44, em 15 de junho de 1855, elevando Ega a categoria de cidade, com o nome consagrado de Tefé, originário do Topônimo, Tupebas, numa variação sucessiva para Tapé, Tephé, Teffé e Tefé (PESSOA, 2005, p.07).

Antes de se chegar ao território em que se encontra a cidade de Tefé, houve algumas mudanças no sítio de ocupação. De acordo com Santos (2016, p. 51), a cada mudança de lugar, provocada eventualmente por medo do ataque “[...] insegurança e perigo aos índios aldeados que estavam sob ameaça de ataques das tropas de resgate, dos comerciantes de escravos e sertanistas que assolavam o rio Solimões”.

O padre Frei André da Costa em 1712 resolveu deixar a Missão de Santa Teresa D’ Avila dos Auxiaris, na barra do rio Tapi, no lugar conhecido como Tambaqui-Paratu (atual Vila Bastos) e se instalou, definitivamente, em 1718 na antiga aldeia indígena dos Tupebas ou Tapibás, que ainda na passagem de Fritz em 1688, chamou o lugar de Missão de Santa Tereza D’Ávila dos Tupebas ou Tapibás (RODRIGUES, 2011).

Frei André trouxe habitantes indígenas da região para este território, talvez tivesse pensado nas facilidades que teria sobre o olhar geográfico da facilidade de acesso das águas do Rio Solimões, de adentrarem o seu território que se chama Rio Tefé e dispõem do Igarapé Xidarinin, sendo estas facilidades para o transporte fluvial e de acesso mais imediato para, talvez, em alguma necessidade. Hoje se sabe que: “A cidade de Tefé, pela sua localização estratégica no epicentro da Amazônia Internacional e, concomitantemente, no centro geográfico do Estado do Amazonas está destinada, até pelo privilégio de situação geográfica, a ter participação ímpar na história econômica e cultural do Estado” (PESSOA, 2005, p.7).

O autor ainda afirma que a passagem da categoria de vila à cidade se deu a partir de alguns pressupostos, sendo um deles, a importância da posição estratégica e por ser grande interposto comercial no Rio Solimões:

Economicamente, porque o município com 150 anos de existência e com área abrangente gigantesca, ocupando originalmente todo o lado direito do Solimões, da fronteira com a Colômbia e o Peru até o rio Tefé, incluindo os vales dos rios Javari, Juruá, Purus, foi no passado

um grande produtor do extrativismo *in natura*. E esses produtos caracterizam a primeira fase dos nossos ciclos econômicos, com a borracha, castanha e outros destinados à medicina. Sendo um entreposto para região do alto Solimões, Juruá, Purus e Tefé, contribuía de forma majoritária para o PIB da Província da época (PESSOA, 2005, p.08).

Deste modo, podemos inferir sobre a importância de Tefé neste período, que abarcava uma imensa região e colhia resultados no seu território por meio de seus produtos *in natura*, sendo estes significativos na parcela de contribuição de renda no Produto Interno Bruto, pois, segundo Pessoa (2005).

O município de Ega, era sem dúvida um dos maiores da Capitania, pois tinha 500.000 km<sup>2</sup>, tendo limites o rio Purus pela margem esquerda e o rio Solimões subindo pelo Pará do Copeá, atingindo o rio Castanha, lago do Amanã, subindo pelo Coraci, até o rio Japurá, subindo este rio pela margem esquerda até Pedreiras, limites como o Peru e Colômbia na cabeceira do Japurá (PESSOA, 2005, p.26).

A cidade de Tefé exerce importância pelo seu vasto limite territorial, logo ficando responsável por parcelas de mercadorias naturais que seguiam diretamente para Manaus e Belém, e só depois para fora do Brasil. Todo esse percurso era feito por via fluvial.

A localização do município, está na área mais central do estado do Amazonas, região norte do Brasil, sua sede municipal está situada na margem direita da foz represada pelo rio Tefé que desagua na calha a margem esquerda do rio Solimões. Tefé foi identificada como cidade média de responsabilidade territorial que são definidas por exercerem “uma função na rede que vai além das suas características em si, pois detêm uma responsabilidade territorial que as torna nódulos importantes internamente na rede”. (SCHOR e OLIVEIRA, 2011, p.19).

Assim, o lócus desta pesquisa transita por um lugar que traz em si marcas de um robusto passado histórico e se coloca no presente como uma margem de muitas outras histórias construídas no tempo.

## **1.2 Tefé e sua sustentabilidade econômica**

A arte de tecer é um exercício contínuo para quem mora nos rincões da Amazônia, porque entre suas duas estações definidas entre o quente e o muito quente, atenuado pelas fortes chuvas de um pretense inverno amazônico, vidas se modificam, se ressignificam entre um ponto e outro em relação ao lugar enquanto espaço geográfico e



em relação as tramas que são tecidas após as cheias e vazantes do rio. Como diz Leandro Tocantins: o rio comanda a vida. É certo que sim. A sustentabilidade na Amazônia está diretamente relacionada com a descida e subida de suas águas. Os cenários que se formam destas confluências de tempo e espaço trazem a eterna fluida novidade que modifica pessoas e lugares.

Quando o tema é o artesanato não existe unanimidade em torno do conceito, alguns autores põem a sua tônica no caráter manual da atividade ou como sendo expressão de um viver tradicional e acabam assim, não atendendo às realidades econômicas e sociais atuais de determinadas localidades. A atividade artesanal supõe não só a especialização do artesão por meio do exercício e a perícia, mas uma prévia aprendizagem, vindo a participar de todas as fases de fabrico de um objeto (SANTOS, 1998).

Apesar do crescimento observado nos últimos anos e da importância do setor, o artesanato é uma atividade em que a necessidade de inclusão social é urgente, o que tem resultado em muitos projetos e programas tendo-o como objeto (FREEMAN, 2010). Mas em muitos casos essa política acaba atuando como paternalista, sem permitir o desenvolvimento do artesão quanto sua capacidade de pensar, buscar soluções e gerir seus recursos, levando-os a uma metodologia pronta e correndo o risco de estar investindo em ações parcialmente inclusivas. Machado (2008) afirma que a autogestão é obtida com o tempo, através de capacitações que devem permitir ao capacitado aplicar o que lhe foi ensinado.

Nos estudos de Machado (1999) o perfil da mulher empreendedora e suas principais características gerenciais, estão relacionadas aos seus processos decisórios e estilo de liderança, bem como, a postura feminina em face do risco que muitas vezes pode ser considerada conservadora. A mulher tende a enfatizar qualidade mais do que os homens, pois, manifesta uma postura favorável ao envolvimento familiar na organização e tende a empregar mais mulheres do que homens quando estão à frente de um empreendimento, pois entendem que as mulheres são as provedoras da família.

Assim, a autora comparou o modo de gerenciar da mulher empreendedora com o modo no qual a mulher administra sua própria casa, sem hierarquia, com cooperação e estilo fluido, enfim, o poder compartilhado.

Assim como a história da própria humanidade, também a arte sofreu incontáveis mudanças, acompanhando a evolução do próprio homem. Desta forma, a arte tem funcionado como uma espécie de sinalizador dos tempos: “[...] ela se

transforma de acordo com a realidade de quem a produz e reflete o tempo e o contexto cultural em que o artista vive.” (FAJARDO, 2002, p. 16).

Os conceitos de arte e de artesanato têm-se transformado ao longo do processo histórico e, nesse percurso, ambos passaram e passam por momentos, muitas vezes, semelhantes. A este respeito, Mattos (2011, p. 11) diz que apenas no final do séc. XIX é que se popularizou a expressão “artista” e “arte”, também “artesão” e “cientista”, discriminando o ofício que pertence a cada um.

Nesta época, a arte passou a ser concebida como o conjunto de bens “espirituais” nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil, que até então confundia-se facilmente com a denominação “artesanato”. Ainda, o autor destaca que “a ela se atribuiu uma pretensa autonomia, associada a noção de uma produção com certa gratuidade de propósito, e definiu-se a ideia do gênio criador, produtor de peças únicas, não-repetíveis”. Este seria o momento histórico em que a arte se dissocia do artesanato.

Quanto ao conceito de arte que se molde à contemporaneidade, Tolstói (2002, p. 65), em seu livro “O que é arte?” afirma que “Uma definição objetiva da arte não existe; as existentes [...] resumem-se a uma mesma definição subjetiva, que, por mais estranho que possa ser é a visão da arte como manifestação da beleza, e da beleza como aquilo que agrada [...]”. O autor segue afirmando que, por mais que se tenha escrito “montanhas de livros sobre o assunto, até hoje não foi feita uma definição precisa de arte” (TOLSTOI, 2002, p. 69). A razão, conforme ele, é que, para definir arte, é quase sempre incluído o conceito de beleza, e, por isso, não há como se chegar a um consenso.

Da mesma forma, Shusterman (1998, p. 21) afirma que a definição de arte tem sido um problema constante para a filosofia: “O que é arte? Há tempos a teoria estética tenta responder a esta questão, mas nenhuma das definições oferecidas até o momento provou ser filosoficamente satisfatória, assim como nenhuma goza de aprovação unânime”. Para a filosofia a arte não se relaciona à perfeição a partir de uma leitura platônica, todavia, a arte emerge no ser humano como uma forma de perceber o mundo dos sentidos e a partir dele fazer uma leitura da vida.

Além de relatar a dificuldade evidente em trazer tal definição, Tolstói (2002, p. 73) diz que “[...] com a arte as pessoas transmitem seus sentimentos umas às outras”, sendo que o outro, ao receber os sentimentos expressos através da arte, tem a oportunidade de senti-los da mesma forma que o artista, ou ainda, de recriá-los. A

atividade da arte se baseia nesta capacidade que as pessoas têm de ser contagiadas pelos sentimentos das outras pessoas ainda que a arte seja apenas uma forma de imitação do mundo.

Desta forma, independentemente de sua definição, a arte pode ser um canal de expressão. Para Tolstoi, “[...] a arte é a manifestação da emoção (*émotion*) comunicada externamente por uma combinação de linhas, formas e cores, ou numa sequência de gestos, sons ou palavras, sujeitos a certos ritmos” (2002, p. 55). Da mesma forma, Paul Signac, *apud* Morais (2002, p. 217) diz que:

A melhor maneira de compreender um quadro é saber por que e para que ele expressa, é saber e compreender como este quadro foi concebido, sentido, por que e por quais meios ele foi realizado assim. Compreender a significação de um quadro é dividir a emoção e o trabalho do pintor diante do motivo. Paul Signac, *apud* Morais 2002, p. 217.

Quanto ao conceito de artista, nos parâmetros atuais, Beuttenmüller (2002) demonstra sua mudança histórica, acompanhando as transformações artísticas e sociais, onde o artista se distancia de certa forma, das atividades puramente técnicas e passa a apropriar-se de elementos conceituais. Desta forma, não há mudanças apenas no artista, mas diretamente em sua obra, que se constitui num canal de expressão ética e conceitual e não mais numa reprodução técnica.

O artista atual não é mais o pintor, desenhista, escultor ou gravador. Ele é só artista. Experimenta todo tipo de linguagem, de conceito, de material etc. Esta é a grande mudança visível da arte atual. A linguagem do artista contemporâneo faz menção a conceitos da História da Arte, discute o suporte, o volume, a própria definição de arte, além de usar símbolos e signos próprios. Beuttenmüller (2002, p. 93)

Nesta fala, pode-se incluir o que diz Brito (2003, p. 51), quando afirma que o trabalho do artista contemporâneo se traduz no “exercício experimental da liberdade, ao compreender o primado da ideia sobre as propriedades estéticas do objeto na arte contemporânea”. Está aí um dos motivos de ser tão difícil encontrar um conceito de arte que a traduza, pois apenas um único conceito provavelmente não contemplará uma definição para a arte antiga, moderna e contemporânea, por exemplo.

No município de Tefé – AM e nos 62 municípios que compõem o Estado, observa-se que as mulheres vêm se destacando quando o assunto é empreendedorismo

especialmente com trabalhos com artesanato, mas elas estão presentes também em setores como confecção, alimentação, beleza, dentre outros.

Observa-se também que muitas empreendedoras femininas destes municípios atuam informalmente. Não é difícil encontrar uma mulher vendendo produtos de beleza, cama mesa e banho, porta a porta, ou oferecendo serviços de manicure, ou com uma barraca de lanches em algum lugar movimentado ou ainda e com seus produtos de artes expostos a venda em associações e cooperativas.

Como já foi citado o empreendedorismo feminino por necessidade ocorre quando não há uma oportunidade de emprego formal. Neste contexto, observa-se que isso acontece nas cidades do Estado do Amazonas, com a falta de oportunidades de emprego fixo, muitas mulheres se veem obrigadas a abrir seu próprio negócio em suas casas. No caso das mulheres muitas delas além de não vislumbrarem uma oportunidade de emprego formal ainda tem o conflito trabalho-família, tem filhos pequenos e não tem como deixar as crianças para poder trabalhar, então veem no empreendedorismo o fator da flexibilidade, não tendo horário e nem local certo para trabalhar elas começam em seus lares.

**Imagem 1- artesanato em decoupage**



**Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora**

Segundo estudos realizados por Carvalho (2013), a maioria das mulheres que empreendem ainda não formalizaram seu negócio. Esta informalidade impede que elas façam contratações e consigam financiamentos para seus empreendimentos, diminuindo assim as oportunidades de crescimento dos negócios.

Mas apesar de serem realizados de maneira informal, esses empreendimentos femininos com artesanatos e costuras geram renda e de certa maneira impulsionam o comércio local. Seja por necessidade ou por oportunidade, vê-se o aumento constante de mulheres empreendendo.

De acordo com Neves (2006) ao longo do século XX, o cenário da economia globalizada, e da alta competitividade, fez a indústria de vestuário ser fortemente atingida, de modo que a reestruturação nesse setor deu espaço a uma rede de flexibilização nas relações de trabalho; descentralizando suas atividades produtivas e incorporando, impreterivelmente, o trabalho das mulheres em domicílio como uma forma de redução de custos. “Nesse contexto, as mulheres trabalham sem nenhuma proteção trabalhista, sem carteira assinada, nem jornada de trabalho definida e muitas vezes incorporando a família nas tarefas produtivas, inclusive os filhos”; marcadas pela informalidade e precariedade na produção.

A informalidade, fenômeno de caráter estrutural no contexto da reestruturação produtiva, encontra-se em plena expansão na indústria de confecção, através do trabalho domiciliar das costureiras. Focada na desconcentração, flexibilidade e redução de custos, a marca da reestruturação na indústria de confecção tem sido a terceirização, o que acompanha as tendências da reestruturação produtiva no Brasil (NEVES, 2006, p.257).

Há um aumento da participação de mulheres nesse trabalho, desprotegido socialmente, que se encontra em acentuada precariedade. Neves (2006), indica quais são as características desse tipo de trabalho:

sonegação dos benefícios e direitos assegurados pela legislação aos trabalhadores; intensificação do trabalho e extensão da jornada para que possam cumprir os prazos contratados; irregularidade dos rendimentos devido à demanda variável de trabalho; pequena ou nula capacidade de negociação com os contratantes em decorrência da dispersão e inexistência de contatos entre os trabalhadores contratados, tornando difícil ou inviável qualquer forma de organização e atuação coletiva; difícil registro fidedigno de sua magnitude devido a seu caráter oculto ou invisível; utilização predominantemente de mão de obra feminina (SILVA, 2004, p. 276 apud NEVES 2006, p.257).

No início dos anos 70, a participação da mão de obra feminina no Brasil fez, nas palavras de Souza-Lobo (1991) apud Gozzona (1997): "sacudir as estruturas da produção sociológica", incorporado, como variável de análise, o diferencial de gênero nas relações de trabalho. Mas, se por um lado as mulheres passaram a ganhar espaços. Suas atividades estão relacionadas às tarefas tradicionais, culturalmente tidas como femininas, como a indústria têxtil e de vestuários por exemplo, que cresceu muito nos últimos anos.

De acordo com Neves (2006), com a reabertura comercial nos anos 90, a indústria de confecção adotou estratégias de precarização das facções, com o objetivo de tornarem-se mais competitivas e evitar custos, provocou um impacto, direto nas relações de trabalho das mulheres, afetando, como consequência, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Na perspectiva de Lima (2009; 2010), a indústria têxtil-vestuário gera muita renda nos países em desenvolvimento, em especial no Brasil, destacando-se na produção de tecidos de malha, fios e em confecções. A confecção é a principal etapa produtiva dentro da cadeia têxtil e utiliza, intensivamente, do trabalho feminino.

As mulheres vêm ganhando espaço e notoriedade no mundo dos negócios. Muitas delas mudaram completamente suas vidas e de suas famílias ao se tornarem mulheres de negócios, seja como colaboradora em uma empresa, levando suas costuras e artesanatos ou como donas de seus próprios empreendimentos. Nos dois casos a mulher passa a ter mais responsabilidades, além das advindas com a formação de uma família, também as responsabilidades de um negócio onde podem tirar seu próprio sustento.

Para Gomes e Santana (2004) apud ARAÚJO, (2013, p.11), “um dos principais motivos que faz com que as mulheres empreendam é a possibilidade de gerenciamento de tempo, onde ela possa dividir as horas de seu dia entre as atividades do trabalho e as atividades de casa”. Assim elas contam com o fator flexibilidade, pois não tem horários fixos para cumprir suas obrigações. Mas ter flexibilidade de horários não quer dizer que seja simples ser uma mulher empreendedora. Por mais que possam dividir seu tempo, nem sempre isso é suficiente para que se cumpram todas as atividades.

Muitas mulheres além de donas de casa e empreendedoras também são mães o que demanda ainda mais responsabilidades, gerando assim o conflito “trabalho versus família”, pois mesmo com a flexibilidade de tempo, nem sempre é possível cumprir todas as obrigações. Esse conflito é gerado a partir do momento em que não há uma definição de prioridade, visto que as mulheres querem ser realizadas no trabalho, porém não podem deixar a família de lado, muito pelo contrário a família é uma grande motivação para que elas se dediquem ao trabalho, para poderem assim dar melhores condições de vida às suas famílias. Este conflito vem gerando preocupações, por tanto é imprescindível que se crie ações para minimizá-los.

Hall (1972) afirma que para lidar com o conflito, as mulheres planejam ações para minimizá-lo. Este autor fala também sobre a identidade feminina que ele divide em quatro partes: o papel de esposa, o papel de mãe, o papel de dona de casa e o papel de trabalhadora. Onde as empreendedoras administram seu tempo para que possam ter sucesso profissional sem que isso interfira de maneira negativa em sua vida pessoal.

Shelton (2006) salienta que na tentativa de diminuir os conflitos entre o trabalho e a família, as empreendedoras por diversas vezes optam por três ações: deixar de exercer funções da vida pessoal ou da profissional, formar uma família menor e

terceirizar as atividades do lar, ou compartilhar os conflitos tanto do empreendimento quanto da família com outras pessoas.

A partir da visão dos autores percebe-se que o conflito trabalho versus família está presente na vida das mulheres que empreendem, porém isso não impede que elas busquem se destacar na vida profissional. Para que isso aconteça estas mulheres desenvolvem ações que as auxiliam a conciliar as atividades de seu dia a dia no empreendimento e no âmbito familiar.

Este trabalho de cunho historiográfico, nos permitiu fazer uma viagem pelas margens do Rio Solimões até a cidade de Tefé – AM e a partir da artesanaria, que aqui elaboramos como expressões da arte e da economia local, um novo viés para entendermos o lugar dos homens e mulheres que modificam o ambiente a partir de seus fazeres, de seus saberes, tendo no aspecto sobrevivência a tônica fundamental que motiva o empreendedorismo local, especialmente por parte das mulheres e como isto se constitui na economia da cidade de Tefé-AM.

### **1.3 A arte de tecer empreendendo**

É importante que ao falarmos da artesanaria como uma grande tessitura não só da vida, mas, relacionada ao mundo do trabalho, entendamos que o histórico do empreendedorismo no Brasil pode ser apresentado a partir de várias perspectivas, como: a evolução histórica, as entidades que auxiliaram nesse processo e os métodos de desenvolvimento do empreendedor.

Para Andreoli e Borges (2007) o empreendedorismo é o resultado da rapidez com que as mudanças tecnológicas estão ocorrendo, funcionando com uma mola propulsora da economia. Dessa forma, como observa Dornelas (2008) os empreendedores estão eliminando barreiras comerciais, e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade.

Embora os estudiosos do empreendedorismo acreditem que há uma confusão acerca da definição do que é empreendedor (FILION, 1997), as definições acerca do empreendedorismo e do empreendedor têm evoluído ao longo dos anos de diferentes maneiras. Para Hisrich e Peters (2004, p. 29), “em quase todas as definições de empreendedorismo, há um consenso de que estamos falando de uma espécie de



comportamento que inclui: (1) tomar iniciativa, (2) organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos a fim de transformar recursos e situações para proveito prático, (3) aceitar o risco ou o fracasso”.

O termo empreendedorismo, no campo acadêmico, passou a ser utilizado de forma considerável nos últimos vinte anos. No Brasil, especificamente, esse termo obteve maior importância, somente, a partir da década de 1990 (PELOGIO et al., 2011). Nesse período, o país enfrentou uma intensa crise econômica que teve como consequência a demissão em massa e o fechamento de diversas empresas. Em contrapartida, nesse momento histórico, as pessoas tornaram-se empreendedoras, por causa da falta de oportunidades no mercado de trabalho, dessa forma, coube a elas mesmas desenvolverem a economia e criar sua própria fonte de renda (LAGES, 2005).

Ressalta-se que a discussão sobre empreendedorismo no Brasil é recente, caso seja comparado ao histórico do empreendedorismo no mundo.

Fatores como tendências de flexibilização do mercado de trabalho, busca de alternativas por melhores condições de vida, padrões tecnológicos exigentes de menor densidade de capital e escala, são apontados como motivos que esclarecem o crescimento da presença do empreendedorismo (GEM, 2013).

Apesar desses fatores terem influenciado o início do empreendedorismo no Brasil, suas atividades se desencadearam de forma tímida e desacreditada. Atualmente, isso é visto de forma diferente e reconhece-se o valor de um empreendedor e a sua importância para o desenvolvimento do país. Diante do destaque das micro e pequenas empresas no cenário econômico brasileiro, difundiu-se diversas políticas públicas com o intuito de promover o empreendedorismo. Assim, aumentou-se o incentivo para abertura do próprio negócio.

Segundo Barros e Pereira (2008), o empreendedorismo, no Brasil, desencadeou-se de forma heterogênea em relação à natureza de suas motivações, ocorrendo de forma diferente nas regiões do país. Nessa perspectiva, o empreendedor contribui para o crescimento econômico, essencialmente, pela inovação que insere nos setores em que atua, bem como pelo aumento da concorrência no mercado. Isso porque a inovação de produtos e de processos de produção está no centro da competitividade de uma nação.

A maioria das empresas criadas na década de 90 e existentes até 2008, com rentabilidade e destaque no cenário econômico nacional. Isso demonstra que por mais

que o empreendedorismo no Brasil tenha iniciado por necessidade, passada a crise ele se tornou um empreendedorismo por oportunidade.

Se não fosse a coragem desses empreendedores de se arriscar e criar seu próprio negócio, provavelmente, o Brasil teria demorado mais tempo para sair da crise econômica. É inegável o impacto que a criação de uma empresa causa em determinada região, pois além de trazer esperança, gera emprego e renda BARROS; PEREIRA, (2008).

Na perspectiva da evolução histórica do empreendedorismo no Brasil, destaca-se a criação de entidades que auxiliaram na prática do empreendedorismo. Em 1999, foi criado pelo Governo Federal, o Programa Brasil Empreendedor. Este tinha o objetivo de fortalecer os micros, pequenas e médias empresas por meio de instrumentos sustentáveis. Por sua vez, esse programa conta com a participação do SEBRAE e a reunião de vários órgãos governamentais.

O funcionamento desse programa ocorre a partir de três pilares essenciais: fornecimento de crédito, capacitação do empreendedor e assessoria empresarial. Além do Programa Brasil Empreendedor, o SEBRAE gerencia o programa do Empretec e do Jovem Empreendedor. Estes dois programas são responsáveis pela capacitação de milhares de pessoas, são programas que possuem muita procura e ótima avaliação, com o enorme crescimento das incubadoras de empresas, dentre outros (SEBRAE, 2016).

Os conceitos de empreendedor também evoluíram e modificaram-se ao longo da história, devido ao posicionamento de vários pesquisadores. Para Hisrich, Peters e Shepherd (2009), a busca de um novo empreendimento está ligada ao processo de empreender. Segundo os autores, esse processo abrange mais do que a simples solução de problemas de posição administrativa, mas também questões como avaliar, desenvolver e reconhecer uma oportunidade, ultrapassando as forças que resistem à concepção de algo novo.

Portanto, o empreendedor deve ter amplo conhecimento do espaço em que vive e um plano forte para a concretização de suas ideias inovadoras. Tais características empreendedoras não são habitualmente descobertas nas pessoas, e aquele que possui as particularidades de um empreendedor cria algo, destinando seus

empenhos de ordem psíquica, social e financeira para abrir seu negócio admitindo todos os riscos, além de procurar retornos econômicos e satisfação pessoal.

Nos conceitos de empreendedor, geralmente, estão presentes os seguintes termos: inovação, identificação de oportunidade e combinação, disposição para correr riscos e utilização dos recursos disponíveis. Adota-se, nesta pesquisa, o conceito que compreende o empreendedor como o indivíduo que está ligado às oportunidades, bem como saber reconhecê-las, empregando suas atividades para a transformação dessas oportunidades em resultados, assim, por meio da coordenação dos recursos disponíveis, abre novos produtos, serviços, processos ou empresas, assumindo os riscos que, porventura, possam existir.

## **CAPÍTULO II – A ARTESANIA POR DENTRO DA VIVÊNCIA FEMININA NO MUNDO DO TRABALHO**

### **2.1 A Mulher artesã da vida**

As discussões sobre a participação da mulher na sociedade têm despertado o interesse de muitos pesquisadores. Na contemporaneidade, a discussão dessa temática leva em consideração a sujeição que, historicamente, as mulheres foram submetidas. Além disso, os trabalhos científicos que tratam essa temática demonstram a condição vivenciada pela mulher na sociedade ao longo dos anos, em que a própria história revela que, geralmente, as mulheres estiveram reiteradas vezes excluídas do espaço público (FONTENELE-MOURÃO, 2006).

Na historiografia é possível observar a partir da Revolução Industrial um progresso material que envolveu essencialmente o trabalho humano como aplicação da força física. Nesse contexto, a mulher destaca-se na estrutura social e no sistema de produção, sendo trabalhadora e provedora das suas necessidades materiais. Porém, a atividade laboral da mulher permanecia orientada para a domesticidade e para as atividades maternas, em que a mulher até poderia trabalhar, entretanto, em atividade de baixa remuneração (DUBY; PERROT, 1990).

De acordo com Leite (1994), durante o século XX, houve o aumento da participação da mulher na esfera pública, tendo em vista a defesa da igualdade de acesso ao trabalho para homens e para mulheres. Entretanto, apesar das mulheres conseguirem espaço no mercado de trabalho, recebia um salário bem inferior aos homens.

Destaca-se que nos anos da grande recessão mundial, elas trabalhavam para gerar um rendimento que substituísse o salário perdido pelo marido, que se encontrava desempregado. Isso era possível, justamente, porque as mulheres eram vistas como mão de obra barata e as empresas tinham interesse em contratá-las para terem menores custos. Esse período de recessão foi mais intenso nas fábricas do que nos escritórios das organizações, em que o aparecimento da máquina de escrever e do telefone criou espaços para a mulher no mercado de trabalho, principalmente, naqueles cargos que não interessavam aos homens.

Um dos acontecimentos mais relevantes, nesse período, ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, que demandou mobilizações femininas nas grandes potências mundiais (CASTELLS, 1999). A manutenção de tais responsabilidades atribuídas às mulheres, fez com que não fossem percebidas as mudanças significativas que surgiram nesse período, uma vez que as atividades exercidas por elas continuaram sendo vistas como um complemento da renda familiar. Entretanto, sabe-se que o fruto do trabalho da mulher tornou-se, desde então, imprescindível para o sustento da família (LINDO et al., 2007; MACEDO et al., 2008).

Na segunda metade do século XX, houve a inserção das mulheres em outras atividades profissionais, ainda que em condição adversa em relação ao homem. Dessa forma, elas começaram a obter mais espaço e a expandir sua atuação fora da esfera privada. Contudo, as conquistas obtidas pelas mulheres ainda eram modestas e elas continuaram a desempenhar, na maior parte dos casos, papel secundário nas dimensões social, econômica e política (LEITE, 1994).

A academia, juntamente com as mulheres mobilizadas por meio de grupos, tem, ao longo dos anos, questionado a dominação masculina com objetivo de mudar a realidade feminina na sociedade, buscando, dessa forma, a valorização das mulheres em diversos âmbitos sociais. Nesse sentido, as diversas correntes do movimento feminista, sobretudo as ideias surgidas na década de 1970, as quais denunciam a exploração, a dominação e a opressão de mulheres na sociedade, tornam-se relevantes.

Segundo as palavras de Del Priore, “sobre este solo de história, as mulheres, de forma precária, tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, de um passado decomposto, disperso, confuso” (PRIORE, 1998, p. 217). Observa-se que os registros sobre as histórias das mulheres são escassos. Assim, a história das mulheres surge e ganha um pouco de visibilidade somente com os movimentos feministas.

Em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu como sendo o Ano Internacional da Mulher. A condição feminina passou por intensas mudanças, alcançadas por meio de muitas lutas lideradas por movimentos feministas, nacional e internacional, com o intuito de realizar mudanças na sua situação de subordinação imposta, historicamente, às mulheres. Essas ações questionavam os velhos estereótipos sobre o papel da mulher, abrindo novas oportunidades e possibilidades para que elas pudessem desempenhar atividades fora de seus lares. Isso foi proporcionado pelo acesso à educação, que facilitou o ingresso da mulher no mercado de trabalho, bem como ampliou a sua participação política no meio social (MELO; CONSIDERA; DI SABBATO, 2007).

Entretanto, é necessário destacar que as conquistas de mulheres no espaço público no mercado de trabalho não tiveram em contrapartida uma modificação no espaço de poder reservado na sociedade ao homem. Isso aconteceu porque os papéis de ator social são exercidos com a influência de ambas as partes, existindo uma relação de reciprocidade, ou seja, se um modifica, automaticamente, o outro também terá suas variações (DEDECCA, 2004).

Constata-se que, no final do século XX, os estudos feministas aconteceram, inicialmente, nos grupos de reflexão e conscientização feminina e, posteriormente, na academia. Percebe-se que não havia uma separação perceptível entre o cotidiano do movimento e as discussões teóricas. Hoje, o movimento feminista caracteriza-se como um discurso de variadas tendências, ainda que com bases comuns. As feministas denunciam que os homens sempre foram privilegiados, enquanto as mulheres foram negligenciadas e desvalorizadas ao longo dos anos. Assim, as opressões de gênero, de classe social e de etnia percorrem as diversas sociedades ao longo da história (SARDENBERG, 2004).

Nessa época, durante o período de crise de paradigmas nas ciências sociais, buscou-se uma definição que trouxesse a síntese das relações hierárquicas que se constituíam entre homens e mulheres, em todas as categorias da vida social, com o objetivo de oferecer ferramentas de avaliação adequadas para o estudo das disparidades que as mulheres enfrentavam. Costa (1998) descreve que as discussões concretizadas se referiam somente à “questão feminina”, apontando a analogia com a dicotomia entre masculino/feminino ou até mesmo preocupações com a concepção da identidade sexual subjetiva.

Assim, o conceito buscado foi o de Gênero. Destaca-se que não tinha surgido a ideia de gênero com o intuito de falar de relações sociais ou diferença entre os sexos. Apesar disso, conforme Sardenberg (2004), a antropóloga norte-americana Margaret Mead e a filósofa francesa Simone de Beauvoir já tinham realizado reflexões sobre gênero bem antes de ter uma expressão que identificasse o evento da construção social das identidades e diferenças sexuais, como se pode perceber em suas obras – respectivamente, *Sexo e Temperamento* (1935) e *O Segundo Sexo* (1949).

Para Joan Scott (2005), anteriormente, o conceito de gênero ressaltava o aspecto relacional das conceituações que normatizavam a feminilidade. Sugeriria, assim, uma negação ao determinismo biológico subtendido no uso das expressões como “diferença sexual” e “sexo”. Essa definição de gênero remete a renomada afirmativa de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. O termo “tornar”, mencionado pela escritora, faz referência a uma transformação do corpo biológico ao corpo cultural, ou seja, do sexo ao gênero (COSTA, 1998; PRIORE, 1998; SARDENBERG, 2004). Além disso, conforme Sardenberg (2004), entende-se que gênero é um constructo, uma abstração, uma reflexão que envolve certos fenômenos. Portanto, a concepção da definição de gênero caracteriza-se como condição primordial para o debate das indagações que envolvem a mulher.

Compreende-se que a constituição da mulher na sociedade vem se alterando com o tempo pelas reivindicações do mundo moderno. O principal motivo que provocou a entrada da mulher no mercado de trabalho está relacionado à necessidade de complementar a renda familiar. O contexto histórico da sociedade revela que as relações homem-mulher, mulher-filhos, casal-família, casal-filhos, filhos-trabalho estão interligados, constituindo uma rede complexa de sentimentos e relações que estarão, secundariamente, na delimitação da carreira da mulher que trabalha (MONTEIRO, 2001).

Segundo Leite (1994), a transformação ocorrida na participação da mulher na sociedade e o aumento da mobilidade na cultura ocidental, vinculada ao método contraceptivo do anticoncepcional, contribuiu para mudanças significativas na vida pública e privada. Além desses, outros motivos como o divórcio, a ascensão profissional da mulher, entre outros, tem possibilitado as mudanças no contexto social.

Nesse sentido, Grant (2001), bem como Braga e Amazonas (2005) concordam que a alteração realizada com a admissão da mulher no mundo profissional, o divórcio, a autonomia de poder optar sobre o tempo certo de ter ou mesmo de não ter

filhos, por meio dos métodos anticoncepcionais, e a expectativa de estabelecer novas companhias amorosas, diversificaram os signos que possibilitam seu registro numa determinada rede social.

Nesse contexto, depreende-se que está instituindo uma identidade de gênero com maior autonomia na participação da mulher nas diversas esferas, tais como: econômica, social, política e cultural. Na sociedade contemporânea, a contraposição à estrutura da família tradicional, que tem o homem como único provedor e a mulher como única responsável pelo cuidado dos filhos e pelas atividades domésticas, vêm estruturando novas composições de famílias, resultantes daquelas transformações supracitadas, como o divórcio, a liberdade na escolha de conceber filhos e, por vezes, a interferir na nova relação de poder no ato de prover esses novos modelos familiares e sua possibilidade econômica, através da autonomia das mulheres no mercado de trabalho (WAGNER et al., 2005).

Para Fleck e Wagner (2003), ao longo dos anos, a família passou por mudanças expressivas. As mulheres cada vez mais buscam sua independência em relação aos homens, trabalhando fora de casa e contribuindo com a renda familiar. Além da maternidade, as mulheres dedicam-se a concretização da realização profissional, almejando a partir de suas atividades o sucesso profissional bem como melhores condições de vida.

O trabalho é um ato social por excelência, uma vez que possibilita a existência da interação social entre indivíduos de um determinado grupo, essa interação se constrói a partir da necessidade de se vincular ao meio que o indivíduo está inserido. Conforme Strey (2007), por meio do trabalho e de sua organização coletiva, acumulam-se capacidades durante gerações, que possibilita aumentar o padrão de vida de uma sociedade. O padrão de vida é essencial para o avanço cultural, econômico e sobrevivência da sociedade.

Observa-se que pelo fato de os homens terem ficado no mundo público por mais tempo, e as mulheres mais na vida familiar, aqueles se colocaram nas primeiras escalas da hierarquia social, definindo para o homem uma posição de dominação e de determinismo dentro da família.

Segundo Pozza (1992), para uma mulher trabalhar e ser uma profissional bem-sucedida, torna-se necessário somar responsabilidades, e, além disso, suportar em certa medida culpa e conflitos. Vale ressaltar que essas transformações presentes e marcantes na sociedade brasileira ampliaram a autonomia feminina, apesar de terem

gerado um acúmulo de funções, pois as mulheres passaram a dividir com os homens a manutenção do lar e a exercer novas funções maternas.

Esse exercício profissional da mulher, que, muitas vezes, é esposa, mãe e dona de casa, requer uma capacidade rápida de decisão e uma consolidada estrutura de personalidade, bem como habilidade para contornar os múltiplos problemas e contratempos, que encontra em sua luta diária pela busca de uma autorrealização dentro e fora do lar.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006), a profissionalização feminina não provoca a renúncia de uma maternidade ou casamento. Entretanto, as regras de existência da mulher casada, de classe média, não são bem estabelecidas, tornando-se difícil conciliar a vida de casada e a atividade profissional.

Qualquer que seja uma falha cometida pela mulher ao tentar conciliar todas as tarefas que ela se propõe a executar, acaba gerando uma ideia de culpa frente aos filhos, marido e chefe. Destaca-se, também, que, conforme Petersen (1999), mesmo a mulher estando inserida no mercado de trabalho, não está livre da obrigação de gerar filhos e construir uma família, ficando a profissão algumas vezes em segundo plano.

Algumas mulheres, devido ao medo do fracasso profissional, decidem pelo afastamento do trabalho após o nascimento de um filho, contudo, o rápido desenvolvimento econômico e tecnológico demanda constante modernização profissional, tornando esse distanciamento demorado e a retomada ao mercado de trabalho mais difícil. Porém, as mulheres não querem renunciar ao que consideram uma conquista, apesar dos custos físicos e emocionais.

Ter uma atividade remunerada possibilita a aquisição do poder de decisão e maior autonomia, inclusive sobre sua vida reprodutiva, o que as fazem buscar formas alternativas de conciliar a maternidade e o trabalho, como, o trabalho informal, domiciliar, em tempo parcial ou em empresas que proporcionam algum incentivo a funcionárias que têm filhos pequenos, como horários flexíveis e berçários (POZZA, 1992).

## **2.2 A Mulher e o mundo do trabalho**

Para a mulher a saída para o mercado de trabalho deu-lhe poder de decisão e um universo de escolhas. Ao poder sair de sua casa e fugir do determinismo biológico e social de sua existência, a mulher se reconheceu como cidadã e sujeita de seu desejo. As



profundas modificações na definição de feminilidade e identidade da mulher tornam-se indispensáveis para as questões referentes à feminilidade no contexto social, bem como as novas vantagens que possibilitam a mulher atual decidir por outros objetivos, outros estilos de vida, que nem sempre inclui a maternidade. Os rumos da mulher na sociedade contemporânea vão além dos muros de casa, que, por muitos anos, apresentavam-se como insuperáveis (ORSOLIN, 2002).

O sistema laboral é criado e constantemente modificado pelos paradigmas da sociedade em que está inserido. Desde a Revolução Industrial às atuais revoluções tecnológicas, como a 3.0, 4.0, o paradigma do trabalho tem sofrido constantes adaptações, que vão desde uma questão de logística empresarial a alterações legislativas.

Com a mesma ênfase que se defende a mudança estrutural das empresas, com um formato tecnológico, enxuto e descentralizado, a legislação clássica jus laboral passa por diversas alterações, sendo a situação problema central permanente a proteção ou desregulamentação do paradigma do trabalho livre/subordinado.

O que sabemos é que, essa transformação sempre foi e será ditada pelo capitalismo global, responsável pela mercantilização da vida humana, que obriga o trabalhador a vender sua mão de obra por salários baixíssimos e em condições precárias para os detentores dos meios de produção, na tentativa de sobreviver e suprir minimamente suas necessidades básicas.

A inserção da mulher no mercado de trabalho é uma de muitas conquistas alcançadas pela luta feminina, não só no campo dos direitos civis e trabalhistas, mas também pela sua emancipação no que diz respeito à supremacia masculina dentro da família e da sociedade. Entretanto, sabe-se que esse processo não foi esgotado, pois o índice de desigualdade existente entre homens e mulheres têm se aprofundado e refletido perante a sociedade (MARTINS et al., 2010).

A explicação para essa situação se encontra em um contexto amplo, no qual estão inseridas as relações de poder constituídas entre os sexos e a construção histórica dos gêneros, fatores que contribuíram para a situação da mulher no mercado de trabalho. O contexto histórico da mulher no mercado de trabalho é um fator importante para compreensão das sociedades capitalistas. Segundo Hirata e Segnini (2007), existem três tempos na história da mulher no mercado de trabalho:

O primeiro é aquele em que a noção de trabalho das mulheres predomina, o segundo aquele em que a visibilidade da mulher

assalariada (operária e funcionária) seria o mais marcante; o terceiro, ancorado na primeira parte do século XX, aquele em que a questão do acesso das mulheres às novas profissões seria claramente formulada. (HIRATA; SEGNINI, 2007, p. 39).

A partir da década de 70, de modo geral, a mulher começa a ganhar destaque no mercado de trabalho, com importante crescimento de sua participação, principalmente, nos espaços urbanos. Um dos fatores que influenciaram essa inserção mais forte foi à busca pela complementação da renda familiar.

Nesse contexto, o ano de 1970 foi apontado como um marco da urbanização e, conseqüentemente, do crescimento dos postos de trabalho ocupados por mulheres, pois foi, exatamente, nessa época que eclodiu o chamado “milagre brasileiro”, que representava um desenvolvimento expressivo das indústrias têxtil, mecânico e eletrônico. As tarefas demandavam habilidades que combinavam com o perfil feminino, como destreza, atenção, cuidado e delicadeza.

No entanto, essas características eram consideradas fruto de uma mão de obra com pouca ou nenhuma qualificação (STEIN, 2000). Nesse cenário de trabalho precarizado e desregulamentado, os recortes sociais de gênero, raça e classe são imprescindíveis para que se chegue a um panorama condizente com a realidade. Apesar do alargamento da participação das mulheres no mercado de trabalho, este se dá por maioria em trabalhos precários, sobretudo para as negras e pobres, e intensificam a opressiva realidade de dupla jornada que se inserem. Isso se dá porque a força de trabalho feminina, historicamente desvalorizada, é vista como responsável pelo trabalho reprodutivo, aquele realizado na esfera privada.

Também em 1970, as mulheres começaram a reivindicar por melhores condições de trabalho, além da luta pela igualdade, principalmente em questões salariais, entre homens e mulheres. No Brasil, esses movimentos feministas aos poucos foram mostrando seus ideais e, assim, ganhando cada vez mais força. Nessa esteira, Rocha afirma que:

Após os anos 70, decorreu uma mudança no perfil da População Economicamente Ativa (PEA) feminina, surgindo um expressivo aumento do trabalho feminino. O fato sugere que as responsabilidades familiares já não estariam mais sendo um fator impeditivo ao trabalho feminino no mercado. (ROCHA, 2000, p. 17).

A emancipação feminina não se limitou apenas ao mercado de trabalho, mas muitas das reivindicações foram influenciadas pela vontade que as mulheres tinham em se dedicar mais intensamente ao trabalho, como exemplo, pode-se citar o planejamento familiar, culminando na diminuição do número de filhos, além do maior interesse pelo estudo e pela qualificação profissional.

Partindo do pressuposto de que as mulheres artesãs possuem características comportamentais empreendedoras reconhecidas pelos seus notáveis trabalhos, elas desempenham um papel importante no favorecimento da manutenção de suas atividades.

Retomando os conceitos que já foram discutidos na fundamentação teórica acerca das características comportamentais que compõem o perfil empreendedor das mulheres, busquei, através das vozes reveladas nas conversas e entrevistas tidas com as mesmas e das observações no dia a dia.

Da mesma forma, o artesanato assume uma posição desvalorização diante do modelo de produção em massa fortalecido pelo capitalismo, sendo maciçamente representado por mulheres. Essa condição fomenta sua associação com o trabalho da mulher que “naturalmente” possui ligação com atividades domésticas e minuciosas. Apesar de apartado do interesse econômico, o artesanato ainda representa uma alternativa para inclusão de milhares de mulheres na economia, que buscam uma nova realidade social e autonomia.

Falar de artesanato, ou antes, apresentar uma única definição é, senão impossível, problemático, na medida em que nos remete para diferentes saberes e referentes culturais, para uma pluralidade de objetos e atividades. Faz parte do imaginário coletivo pensar o artesanato como expressão de tradições populares regionais, associando-o à arte popular, pelo que muitas vezes ouvimos designá-lo como “arte menor”. Progressivamente esta concepção restrita deu lugar a outra, em que o critério de criação artística assume um papel importante, flexibilizando-se as fronteiras entre arte e artesanato.

Além disso, o artesanato, que por muitos era visto como atividade econômica marginal, hoje é tratado como atividade regular inserida no mercado competitivo. Em países desenvolvidos, as atividades artesanais geram, normalmente, produtos de qualidade superior e de alto valor agregado, contribuindo fortemente para o crescimento econômico e para o bem-estar social de inúmeras pessoas. A Finlândia e a Dinamarca são exemplos de países que mantêm essa relação próxima com o artesanato

e onde essa atividade é altamente sofisticada, destacando-se pela inovação e design criativo, arrojado e moderno.

Lavinas (1987) afirma que a participação política das mulheres nas lutas sociais se dá com grande frequência quando a sobrevivência do grupo se acha ameaçada, momento em que os papéis atribuídos a cada sexo são transitoriamente atenuados e os espaços que lhes são reservados tornam-se imprecisos de sua trajetória, que a sobrevivência da família tenha estado ameaçada. Essa estabilidade pode talvez explicar o seu desinteresse pela participação política. A respeito desse tema nos afirma Panzutti:

Os espaços de participação social e política são exclusivos dos homens. As mulheres não são admitidas como membros efetivos de organizações profissionais, tais como sindicatos, cooperativas, associações, mas reconhecidas apenas como dependentes do marido, isto é, com direitos emprestados. Outros autores constataram o mesmo fato em outras regiões do País. A falta de uma identidade profissional também a exclui de outros espaços de participação. Panzutti, 2006.

A partir daí surge uma abordagem científica-biológica para justificar as convenções sociais do período que firmava uma suposta superioridade intelectual do homem sobre a mulher e a necessidade destas serem a cuidadoras da família. Assim, o fator da reprodução se torna determinante para a manutenção dessa visão do homem sobre a mulher, pois é legitimada por diversos setores da sociedade, para além da característica biológica, como uma ideia patriarcal de submissão.

Outro ponto importante colocado por Rossoni e Teixeira (2006), é a questão dos benefícios de seus relacionamentos. A importância do bom relacionamento também é percebida por elas. Antes de tudo, precisa-se destacar que as mulheres sempre trabalharam. Em tempos passados, o trabalho feminino era apenas doméstico e não possuía valorização e remuneração. Os espaços construídos socialmente a partir de uma divisão por gênero fez com que o espaço doméstico fosse feminino e o público o masculino. A construção social moderna da mulher que cuida da casa atribui a ela características ditas naturais como a delicadeza e aos homens caracterizações como a razão.

Nesse aspecto, a mulher foi levada a acreditar que o seu mundo seria a sua casa (FRIEDAN, 2020). Essas representações são produzidas pela sociedade e reproduzidas através da educação e da manutenção dessa dita tradição em meio às novas gerações. Apesar de muito importante, o trabalho feminino era invisível (PIERROT,

2013). Por muito tempo as mulheres foram excluídas de cargos que lhes assegurassem reconhecimento social. As ocupações femininas foram continuamente às ligadas ao domicílio, como: a culinária, a tecelagem, a costura, fiação, produção de renda, ou seja, desempenhavam papéis que foram tradicionalmente empregues a figura feminina. Para as mulheres mais pobres, não existia outra escolha: precisavam se sustentar para subsistir (FIGUEIREDO, 2004).

As mulheres têm uma identidade pessoal até no próprio estilo de vida, deixam de viver sob a dependência financeira do pai ou do marido, como acontecia no passado. Dessa forma, alcançam seus próprios objetivos e metas, adquirem sua própria renda. Antes, os anseios femininos se resumiam a casar e constituir família. Atualmente, as mulheres desejam ser reconhecidas por seus conhecimentos e sua utilidade na sociedade. O que antes era apenas uma complementação de renda atualmente é uma realização vocacional (MACHADO, 2002).

Apesar disso, o artesanato ainda é buscado como alternativa para a inclusão de mulheres na economia, que buscam uma nova realidade social e autonomia. O desemprego em massa enfrentado pelo atual cenário de crise econômica culminada a cada vez mais difícil o acesso ao mercado de trabalho, podem ser considerados fatores determinantes que levam às mulheres ao artesanato. As mulheres se veem sem alternativas frente às dificuldades de conciliação entre a vida familiar e a vida profissional, e encontram no artesanato uma forma de empreender e adaptar o seu trabalho de forma que se encaixe na sua realidade.

A ideia é evidentemente boa e agrega notórios pontos positivos, porém, o que se percebe é que o artesanato não consegue efetivamente subverter o status de inferioridade intrínseca na atual sociedade sexista maculada pela divisão sexual do trabalho. Ou seja, apesar da conquista de uma independência financeira, se percebe a tendência de preponderância feminina no artesanato, o que sustenta a teoria de manutenção da mulher em atividades restritas à esfera privada, manuais e na esfera reprodutiva. Dessa forma, segundo as autoras, não se alcança uma condição de equidade substância com os espaços ocupados pelo homem no contexto social, uma vez que as mulheres não ocupam esses espaços.

### **2.3 O artesanato como resignificação de vida**

É nesse cenário que o trabalho com artesanato surge como uma possibilidade de ressignificação na vida das mulheres frente ao escasso acesso ao mercado de trabalho e ao desemprego em massa. Aliado a isso está a falta de alternativas frente às dificuldades de conciliação entre a vida familiar e a vida profissional enfrentada, o que possibilita encontrar no artesanato uma forma de empreender e adaptar o seu trabalho de forma que se encaixe na sua realidade.

[...] para conceituar o artesanato com um mínimo de racionalidade é preciso mergulhar na odisseia humana e fazer uma nova leitura da história, que determinou culturas; dos medos, que impulsionaram mudanças; das estratégias de sobrevivência; dos desafios de aprendizagem; das formas de dominação e divisão do trabalho; e, finalmente, dos artifícios para o desenho e a construção do próprio tempo (MARINHO, 2007, p. 03).

Novos conceitos, redefinições ou reflexões sobre cultura, patrimônio cultural imaterial, bens simbólicos, arte, artesão, artesanato e design influenciam as diretrizes políticas e os investimentos de mercado neste setor. Por trás da diversidade de conceitos sobre o que é artesanato, há uma preocupação sobre qual tipo de artesanato deve ser incentivado pelo governo, pelo terceiro setor e pelo comércio, que ao mesmo tempo possa trazer lucro e sustentabilidade para o artesão e seu ofício. Ricardo Gomes Lima dá uma definição bastante simples e objetiva sobre artesanato, indicando que o limiar no qual uma produção abandona seu processo artesanal e passa a seguir um processo industrial é sutil:

Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância (LIMA, 2007, p. 01).

Na tentativa de estabelecer um limite na definição do que é artesanato, corre-se o risco de engessar os processos criativos que buscam soluções para a produção em série de produtos artesanais, ricos em referências culturais, cuja aura anuncia a presença do artesão, sua mão, inteligência, criatividade.

De acordo com Neves (2006), ao longo do século XX, o cenário da economia globalizada, e da alta competitividade, fez a indústria de vestuário ser fortemente atingida, de modo que a reestruturação nesse setor deu espaço a uma rede de flexibilização nas relações de trabalho; descentralizando suas atividades produtivas e incorporando, impreterivelmente, o trabalho das mulheres em domicílio como uma forma de redução de custos. “Nesse contexto, as mulheres trabalham sem nenhuma proteção trabalhista, sem carteira assinada, nem jornada de trabalho definida e muitas vezes incorporando a família nas tarefas produtivas, inclusive os filhos”; marcadas pela informalidade e precariedade na produção.

A informalidade, fenômeno de caráter estrutural no contexto da reestruturação produtiva, encontra-se em plena expansão na indústria de confecção, através do trabalho domiciliar das costureiras. Focada na desconcentração, flexibilidade e redução de custos, a marca da reestruturação na indústria de confecção tem sido a terceirização, o que acompanha as tendências da reestruturação produtiva no Brasil (NEVES, 2006, p.257).

Há um aumento da participação de mulheres nesse trabalho, desprotegido socialmente, que se encontra em acentuada precariedade. Neves (2006), indica quais são as características desse tipo de trabalho:

a) sonegação dos benefícios e direitos assegurados pela legislação aos trabalhadores; b) intensificação do trabalho e extensão da jornada para que possam cumprir os prazos contratados; d) irregularidade dos rendimentos devido à demanda variável de trabalho; e) pequena ou nula capacidade de negociação com os contratantes em decorrência da dispersão e inexistência de contatos entre os trabalhadores contratados, tornando difícil ou inviável qualquer forma de organização e atuação coletiva; f) difícil registro fidedigno de sua magnitude devido a seu caráter oculto ou invisível; g) utilização predominantemente de mão-de obra-feminina (SILVA, 2004, p. 276 apud NEVES 2006, p.257-265).

No início dos anos 70, a participação da mão de obra feminina no Brasil fez, nas palavras de Souza-Lobo (1991) apud Gozzona (1997): "sacudir as estruturas da produção sociológica", incorporado, como variável de análise, o diferencial de gênero nas relações de trabalho. Mas, se por um lado as mulheres passam a ganhar espaços, por outro, sua atividade se dá em tarefas tradicionais, culturalmente tidas como femininas, como a indústria têxtil e de vestuários.

De acordo com Neves (2006), com a reabertura comercial nos anos 90, a indústria de confecção adotou estratégias de precarização das facções, com o objetivo de tornarem-se mais competitivas e evitar custos, provocou um impacto, direto nas relações de trabalho das mulheres, afetando, como consequência, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Na perspectiva de Lima (2009; 2010), a indústria têxtil-vestuário gera muita renda nos países em desenvolvimento, em especial no Brasil, destacando-se na produção de tecidos de malha, fios e em confecções. A confecção é a principal etapa produtiva dentro da cadeia têxtil e utiliza, intensivamente, do trabalho feminino.

O desenvolvimento da gestão de negócios no setor artesanal é fator fundamental para que os casos de sucesso refletidos pelos diversos programas de apoio ao artesão se tornem realidade para um número cada vez maior de artesãos e comunidades artesãs.

A gestão cultural e social deve ser a base para o desenvolvimento da gestão de negócios do setor. A artesã necessita desenvolver-se culturalmente em setores diversos da base cultural presente no patrimônio imaterial do artesanato.

Os objetos artesanais vão para além de suas funções, eles também indicam para outros valores como da sensibilidade ao artesanal e da sua dimensão simbólica. O fascínio pelo feito à mão tem uma história por trás do objeto, que passou pelas mãos de alguém ao ser criado, e isso gera um encantamento sobre o artesanato. É desse contato com o objeto e de certa identificação que as peças artesanais agregam valor, pois o indivíduo percorre lembranças e sentimentos que sua memória vivifica em histórias, sensações e individualidades, o que gera uma relação de pertencimento com a peça



**Imagem 2- Exposição de artesanato na Feira Municipal de Tefé-Am**



**Fonte: Portal Tefé News**

Fernandes (2010, p. 17) afirma que “[...] pode-se sintetizar o artesanato com as palavras: criatividade; revitalização; inovação; adaptação; empreendedorismo; competitividade; diferenciação; parceria; interdisciplinaridade; interatividade; alternativa”. Sendo assim, algumas das características marcantes do artesanato contemporâneo são referenciadas a respeito do público consumidor e dos artesãos que criam, desenvolvem e comercializam estes produtos.

Diante do contexto atual, a utilização da internet é impreterível, com o uso de meios tecnológicos e digitais, seja na produção, na geração de imagens fotográficas, na identificação da marca, na divulgação por meio de redes sociais, site ou mesmo pela comercialização destes objetos em meios colaborativos. Segunda pesquisas realizadas em Portugal:

O artesão contemporâneo pertence, regra geral, à classe média, tem um grau de escolaridade médio / elevado e formação na área artesanal. Este artesão começou a criar por diversas razões: desemprego e necessidade de obter rendimentos complementares ou sazonais, artesanato como forma de terapia, passatempo. As fronteiras entre este tipo de artesão e o artista nem sempre são claras e consensuais, [...] (FERNANDES, 2010, p. 16).

Podemos dizer que este mesmo perfil se aplica em nosso país. Por meio do artesanato contemporâneo muitos buscam empreender e comercializar seus produtos feitos artesanalmente, voltados ao design e a moda, uma vez que estas linhas possibilitam se adaptar as exigências do mercado e dos consumidores.

Sociedades tradicionais se caracterizam: pela tecnologia utilizada, que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente, além disso, segundo Diegues e Arruda (2001), apresentam uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor e sua família dominam todo o processo até o final.

As ações de cunho produtivo devem ter como premissa o respeito aos valores socioculturais e técnicos do artesão e aos valores ambientais, que carregam consigo os aspectos diferenciais demandados pelos consumidores de artesanato. Numa linguagem de mercado, o artesão pode ser considerado como capital humano, detentor do conhecimento das técnicas do processo produtivo. Apesar das características que determinam o valor do artesanato contemporâneo continuarem focadas na natureza do trabalho, o seu valor de estima vem prevalecendo mais do que o seu valor utilitário (FREITAS, 2006).

O artesanato, baseado no legado de tradições passadas que se renovam em cada geração, constitui um verdadeiro “patrimônio vivo” ou cultura material (CUÉLLAR, 1997). A relevância social, econômica, histórica e cultural da produção de base artesanal, além do grande número de brasileiros direta ou indiretamente com ela envolvidos, justifica a urgência da intervenção integrada da Academia neste setor (FREITAS, 2006).

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em

alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural" (IPHAN, 2008).

A atividade artesanal com o uso de sementes tem se intensificado ultimamente gerando renda familiar adicional para famílias que vivem em remanescentes florestais. Em todo o país, 8,5 milhões de pessoas estão envolvidas em atividades artesanais, gerando 2,8% do PIB (LIRA, 2004). A geração de demanda em grande escala pela expansão do artesanato com sementes florestais tem se intensificado nos últimos anos, exigindo desenvolvimento de tecnologias e processos para atender a necessidade do mercado (EMBRAPA, 2003).

Nas pequenas propriedades rurais e comunidades indígenas onde a produção artesanal é importante na composição da renda, segundo Dias et al. (2007) a etnobotânica tem uma grande contribuição a oferecer realizando estudos sobre espécies utilizadas, resgatando outras perdidas por erosão genética e registrando técnicas de manufatura ou confecção.

Como todo fato antropológico, a arte indígena deve ser situada num contexto cultural e temporal (RIBEIRO, 1983). Assim, cabe observar que o advento da internet e outros canais de comunicação e escoamento de produção tendem a inserir o artesanato indígena em uma lógica de mercado que poderá complicar e comprometer as relações comerciais entre os artesãos e os outros atores da cadeia produtiva como os “atravessadores” e consumidores.

Segundo Ribeiro (1983), existe controvérsia entre especialistas, sobre os benefícios e malefícios advindos da produção artesanal indígena para o comércio. Discute-se que a produção em massa pode estar deturpando e até mesmo degenerando a arte indígena como expressão estética, estilística e cultural e que a produção artesanal mercantil está introduzindo o uso de materiais heteróclitos, ou estranhos à cultura como o fio industrial no artesanato indígena, fato observado e comentado neste estudo.

Entretanto, cabe salientar que a destinação mercantil salvou e reforçou a identidade étnica do artesanato de diversas tribos. Aproveitando-se de uma tendência observada desde os anos 70 em todo o mundo de valorização do artesanato tribal das Américas, cobiçado como bem suntuário<sup>2</sup> por seu exotismo, e por seu caráter de manufatura *strictu sensu* de sabor primitivo e ingênuo (RIBEIRO, 1983). Espera-se ainda aumentar o valor de venda do produto por meio da agregação de informações do processo produtivo de caráter etno-cultural ao produto no âmbito da comercialização e

pela indicação geográfica, que é uma forma de agregar valor e credibilidade a um produto salientando características de seu local de origem (LIMA et al., 2007).

Trabalhos com povos indígenas, que possuem estrutura política e social diferenciada, exigem um procedimento de diálogo constante, por meio de reuniões com a comunidade, por isso a metodologia adotada foi, na medida do possível, adaptada pelos povos indígenas do Estado do Amazonas nestes diálogos, segundo seus critérios de organização e procedimentos cotidianos. Desta forma os próprios artesões participam da definição da metodologia do trabalho de caracterização produtiva de forma participativa entre eles.

**Imagem 3- Artesanato indígena, tecumes e biojóias**



**Fonte: Google**

Se o artesanato constrói narrativas e estabelece novos diálogos entre criador e público, é impossível não perceber nele uma plataforma de reverberação de mensagens. Capaz de dar voz e, principalmente, espaço para discursos antes deixados à margem, a prática artesanal consolida sua importância e torna-se instrumento através do qual vidas são transformadas e histórias vem à tona. Sofrer com a falta de valorização do seu artesanato por parte da população local, sendo mais provável que seus moradores compreem artesanato em viagens de turismo do que em sua própria cidade; alguns reclamam da falta de incentivo às artes em sua cidade; a venda a varejo de seus produtos

é praticamente inexistente.

A Casa do Artesão neste município vende seus produtos artesanais de diversas origens, além de variados produtos confeccionados em outros municípios. Os artesãos participaram do programa e vendem seus produtos para o comércio local, como mencionado, e alguns vendem sob encomenda para outras cidades do Estado do Amazonas.

**Imagem 4 - Artesã vendendo seus produtos em frente a Casa do Artesão**



**Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora**

A maioria das cidades do Amazonas possui pelo menos uma associação de artesãos com uma loja, cuja sede está estabelecida em local cedido pela prefeitura. As que não possuem associação estão se organizando para formar uma. Todas as associações lutam arduamente para se manter, enfrentando dificuldades financeiras, sem grandes noções em administração e fraca ou mesmo ausente experiência em marketing de seus produtos.

Poucos municípios investem nesse campo. Algumas formas de apoio são dadas pelas prefeituras, tais como concessão de imóvel para sede e loja da associação, colocação de placas de trânsito indicativas do local de venda, inclusão do artesanato em websites e folhetos de programação cultural da cidade, empréstimo de barracas de exposição e isenção de taxas para as feiras e loja.

É na prática que se forma uma cultura de uso dos conceitos de ver a mulher incluída na sociedade com sua participação. As artesãs que usam técnicas tradicionais de complexas e demoradas elaborações comumente enfrentam grande dificuldade para sobreviver e manter a qualidade de seus produtos. Com pouco recurso para investir em material, suas habilidades terminam sendo aplicadas em trabalhos que não alcançam um valor de mercado condizente com o tempo dedicado e, menos ainda, com seu valor cultural. Nas cidades menores que Tefé- AM a situação é tão séria que muitas artesãs têm produzido muito pouco e, como resultado dessa escassa produção, ganham abaixo do valor/hora calculado com base no salário-mínimo e passam necessidade.

Na luta pela sobrevivência, uma inversão de valores pode ser claramente identificada nos produtos: peças industrializadas são inseridas no design com a ilusão de que seu produto será mais valorizado, no entanto acontece justo o inverso. É comum encontrar peças de artesãos menos experientes ou habilidosos expostos junto a peças que, além de serem mais bem acabadas, possuem valor agregado, seja por seu design tradicional ou técnica tradicional bem aplicada, seja pela referência cultural no tema presente em um design benfeito ou por sua criatividade e inovação.

A forma como as peças são expostas nas barracas de feiras ou nas lojas de algumas associações existentes revelam pouca noção de marketing e técnicas de venda, demonstram que os critérios de exposição se baseiam no preço das peças ou em categorias básicas como função, material e técnica; critérios como tradição x inovação são ignorados.

**Imagem 5- Artesanato da Casa do Artesão**



**Fonte: Portal Tefé News**

Outro fator importante é mostrar para as artesãs, o seu trabalho está relacionado à manutenção da sua saúde física e mental. Por isso além dos treinamentos devem ser apresentados para elas a importância do trabalho em equipe e do melhor planejamento das atividades artesanais.

Diante dessa situação, faz-se necessário a implantação de melhorias para garantir a segurança e o bem-estar das artesãs do município de Tefé-AM diante dos contratemplos encontrados na execução de suas atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa pesquisa de cunho historiográfico que adentrou pela história de Tefé-AM e encontrou em sua economia o trabalho das mulheres artesãs como partícipes na construção de uma sociedade menos patriarcal e mais feminina, nos revelou a importância da mulher na renda local, trazendo a novidade de uma artesanaria que se constrói conjuntamente com toda a sociedade, fazendo-nos perceber também as relações de gênero construídas no imaginário social que o trabalho das mulheres nem sempre é valorizado como deveria, ou seria alguma coisa de menos interesse econômico.

Assim, constatamos a importância das mulheres empreendedoras para a sociedade, uma vez que a sua participação na economia gera renda e empregos. Além disso, percebemos a sua contribuição para a sociedade contemporânea, ao administrar múltiplas jornadas entre família e trabalho, tornando-se autônomas. Ainda que se observem desigualdades existentes entre os gêneros, a mulher tem conquistado seu lugar na economia local e conseqüentemente do Estado.

Se ainda, pensarmos que a o trabalho das mulheres é de menos importância que o dos homens, por trazer outras perspectivas como por exemplo, um trabalho mais voltado para a economia solidária, onde juntas lutam pelos mesmos interesses, ou ainda que tem seu ponto chave na sobrevivência da família, é importante frisar que elas sempre contribuíram com a renda da casa e hoje, mais do que nunca, são as mulheres que sustentam seus lares. São mãos que na artesanaria da vida vão se reconstruindo e construindo histórias.

## REFERÊNCIAS

**BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. A.** Empreendedorismo e Crescimento Econômico: uma Análise Empírica. Revista de administração contemporânea, Curitiba, v.12, n.4, p.975-993, 2008.

**BECKER, Bertha K.** A urbe amazônica: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. 88p.

**BEUTTENMÜLLER, Alberto Frederico.** **Viagem pela arte brasileira.** São Paulo: Aquariana, 2002.

Brasília: **Embrapa** Recursos Genéticos e Biotecnologia, p. 651-681, 2007.

**BRITO, Ronaldo.** **Experiência crítica.** São Paulo: Mirante, 2003.

**BROWDER, John O. & GODFREY, Brian J.** Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia Brasileira. Manaus: EDUA, 2006.

**CASTELLS, M.** O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: O poder da identidade. p. 169-283. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**COSTA, A. A.** A construção do pensamento feminista sobre o “não-poder” das mulheres. In: As donas do poder: mulher e política na Bahia. p. 19-46. Salvador: NEIM/UFBA, 1998.

**CUÉLLAR, J. P. (org.).** (1997) Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. UNESCO / Papirus Editora. Brasília

**DEDECCA, C. S.** Tempo, trabalho e gênero. In: COSTA, Ana A.; OLIVEIRA, Eleonora M. de; LIMA, Maria Ednalva B. de; SOARES, Vera. (Orgs.). Reconfiguração das relações de gênero no trabalho, São Paulo: CUT, 2004.

**DIAS, T. A. B.; BUSTAMANTE, P. G.; COSTA, I. R. S.; ALVES, R. B. N.; ZARUR, S. B. B. C.** Etnobiologia e conservação de recursos genéticos, o caso do povo krahô In: Naff, I. (Ed) Recursos genéticos vegetais, 2007.

**DIEGUES, A.C. ARRUDA, R.S.V.** Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Org. Antônio Carlos Diegues e Rinaldo S. V. Arruda. Série Biodiversidade. Vol.4. MMA, 2001.).



Disponível em: <<http://www.agrofloresta.net>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

**DUBY, G.; PERROT, M. (Org.).** História das mulheres no ocidente: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990.

**FAJARDO, Elias.** **Tintas e texturas:** oficina de artesanato. São Paulo: Senac, 2002.

**FERNANDES, M. da S.** Estratégias para o Desenvolvimento do Artesanato Contemporâneo na Madeira. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Universidade da Madeira, Funchal, 2010. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/239>. Acesso em: 28 abr. 2021.

**FIGUEIREDO, L.** Mulheres nas Minas Gerais. In M. D. Priore & C. Bassanezi (Eds.), História das mulheres no Brasil (7th ed.), pp. 119–158. Contexto, 2004.

**FONTENELE-MOURÃO, T. M.** Mulheres no topo da carreira: flexibilidade e persistência. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

**FREEMAN, C.S.** Cadeia produtiva da economia do artesanato: desafios para o seu desenvolvimento sustentável. 2010. 128 p. Monografia (Especialização em Gestão Cultural) Programa de Estudos Culturais e Sociais, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.gestaocultural.org.br>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

**FREITAS, A. L. C.** A Engenharia de Produção no setor artesanal. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2006, Fortaleza. Anais do ENEGEP 2006.

**FRIEDAN, B.** A mística feminina. Rosa dos Tempos, 2020

**GAZZONA, Raquel da Silva.** Trabalho feminino na indústria do vestuário. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 18, n. 61, p. 88-109, 1997.

**GEM - Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2016).** Empreendedorismo no Brasil. Disponível em: Acesso em: 20 mar. 2021.

**GEM - Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2017).** Report on Women's Entrepreneurship. Boston: The Fenway Group. Disponível em: Acesso em: 19 mar. 2020.

**GEM - Global Entrepreneurship Monitor – GEM. (2018).** Empreendedorismo no Brasil. IBPQ. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Relat%C3%B3rioExecutivo-Brasil-2018-v3-web.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

**GEM (Global Entrepreneurship Monitor).** Empreendedorismo no Brasil: 2013. Curitiba: IBQP, 2014.

**GOMES**, Almiralva Ferraz. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista-Ba. *Revista Alcance*, v. 11, n. 2 (Mai-Ago), p. 207-226, 2009.

**GREATTI**, L. **SENHORINI**, V. M. Empreendedorismo: uma visão comportamentalista. *In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Egepe)*, 1, 2000, Maringá. *Anais...* Maringá: Egepe, 2000. 1 CD-ROM.

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**LAGES**, S. R. C. Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. *Revista Estação Científica, Juiz de Fora*, 2005.

**LAVINAS**, Lena. A força de trabalho na agricultura: marchas e contra marchas. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1988. 28p. Reunião Intermediária - GT A mulher na força de trabalho. Texto preliminar.

**LEITE**, C. L. de P. Mulheres: muito além do teto de vidro. São Paulo: Atlas, 1994.

**LIMA**, Ângela Maria de Sousa. As faces da subcontratação do trabalho: um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de Cianorte e Região. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

**LIMA**, F. D.; **TAPAJOS**, S. I. L. Indicação Geográfica: agregação de valor aos produtos amazônicos. *T&C Amazônia*, Ano V, Número 11, Manaus - AM, p. 42 - 48 jun., 2007.

**LIMA**, Ricardo Gomes. Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda? CNFCP, 2007. Disponível em: [http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato\\_e\\_Arte\\_Pop/CNFCP\\_Artesanato\\_Arte\\_Popula\\_Gomes\\_Lima.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popula_Gomes_Lima.pdf).

**LINDO**, M.R.; **CARDOSO**, P. M.; **RODRIGUES**, M. E.; **WETZEL**, U. Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Revista de Administração Contemporânea – eletrônica* v. 1, n. 1, p.1-15, 2007.

**LIRA**, G. R. Diversidade do artesanato gera negócios em todo o País. *Interjornal*. Brasília, 2004. Disponível em: < <http://asn.interjornal.com.br/noticia.kmf?noticia=1779180&canal=40> > Acesso em 04 Jan. 2008.

**MACHADO, F.S.** Manejo de produtos florestais não madeireiros: um manual com sugestões para o manejo participativo em comunidades da Amazônia. Rio Branco, Acre: PESACRE e CIFOR, 2008, 105 p.

**MACHADO, H. V., St-Cyr, L., Mione, A., Alves, M. C. M.** (2003). O Processo de Criação de Empresas por Mulheres. Revista de Administração Eletrônica, 2(2),1-22. Disponível em: Acesso em: 23 out. 2020.

**MARINHO, Heliana.** Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/\\$File/NT0003610A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/$File/NT0003610A.pdf)

**MATTOS, Tarcísio.** **Feito a mãos** – o artesanato em Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial, 2010.

**MELO, H. P.; CONSIDERA, C. M.; DI SABBATO, A.** Os afazeres domésticos contam. Revista de Economia e Sociedade, Campinas-SP, v.16, n. 3 (31), p. 435-454, 2007.

**MONTEIRO, A.** Avanços no Estudo da Conjugalidade: os Casais de Dupla Carreira. Revista Psicologia Ciência e Profissão, v. 21, n. 3, p. 10-19, 2001.

**MORAIS, Frederico.** Arte é o que você e eu consideramos arte – 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 2002.

**NEVES, Magda de Almeida.** Trabalho e gênero: permanências e desafios. Sociedade e cultura, v. 9, n. 2, p. 257-265, 2006.

**OLIVEIRA, José Aldemir; SCHOR, Tatiana.** Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. In: JÚNIOR. Saint-Clair Cordeiro da Trindade; TAVARES, Maria Goretti da Costa Belém: EDUFA, 2008.

**ORSOLIN, R.** Nem toda a mulher quer ser mãe: novas configurações do feminino. In: Cenci, 132 C.M.B.; Piva, M.; Ferreira V.R.T. (Orgs). Relações Familiares: uma reflexão contemporânea. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

**PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles.** Mulher Rural: eminência oculta / Nilce da Penha Migueles Panzutti – Campinas, SP: Editora Alinea, 2006.

**PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D.** Desenvolvimento Humano, 8. ed, Porto Alegre: Artmed, 2006.

**PELOGIO, E. A.; ROCHA, L. C. S.; MACHADO, H. V.; AÑEZ, M. E. M.** Criação de Empresas à Luz do Modelo de Decisão effectuation: Um estudo com mulheres empreendedoras no município de Currais Novos/RN. In: Anais do XXXV Encontro do ANPAD, Rio de Janeiro, 2011.

- PERROT, M.** (2013). *Minha história das mulheres* (2nd ed.). Contexto.
- PESSOA, Protásio Lopes.** *História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas*. Manaus: Novo Tempo. LTDA, 2005.
- PETERSEN, A.** Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. In: Roso, A.; Mattos, F.B.; Werba G. e Strey, M.N. (Orgs.). *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- POZZA, M. C.** *Conflitos da mulher na tentativa de conciliação da maternidade com o trabalho profissional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 1992
- PRIORE, M. D.** *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, M. C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. p. 217-235. São Paulo: Contexto, 1998.
- EGGERT, Edla. *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul - 1. ed.* - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de.** *A formação histórica do território Tefeense*. Curitiba: CRV, 2015.
- RAMOS, S.P.** Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural. *Rosas do Vento*. Caxias do Sul, v. 5, n. 3, p. 44-59, jan. - mar. 2013.
- RIBEIRO, B.,** *Artesanato indígena: pra que, pra quem?* In *Arte em São Paulo*:1983.
- RODRIGUES, Eubia Andréa.** *Rede Urbana do Amazonas: Tefé como Cidade Média de Responsabilidade Territorial na Calha do Médio Solimões*. Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- SANTOS, Sandrielle Pessoa dos.** *Tempo e Espaço na Amazônia Colonial: da Vila de Ega à Cidade de Tefé séculos XVIII e XIX*. Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- SARDENBERG, C. M. B.** *Estudos feministas: um esboço crítico*. In: AMARAL, C. C. G. do (Org.). *Teoria e práxis dos enfoques de gênero*, p. 17-40. Salvador: REDOR, 2004.

**SCHOR**, Tatiana. OLIVEIRA, José Aldemir. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para análise das cidades na Amazônia brasileira. ACTA geográficas, edição especial cidades na Amazônia brasileira. 2011.

**SCHUMPETER**, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucra, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

**SCOTT**, J. W. Enigma da igualdade. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

**SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa. Fatores Condicionantes e Taxas de Sobrevivência e Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas no Brasil 2003-2005. Brasília, 2007.

**SHELTON**, L. M. Female Entrepreneurs, Work-Family Conflict and Venture Performance: New Insights into Work-Family Interface. Journal of Small Business Management. V. 44(2), Abr, 2006.

**SHUSTERMAN**, Richard. **Vivendo a arte** – o pensamento pragmático e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.

**SILVA**, Marcelo Saturnino da; **MENEZES**, Marilda Aparecida de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares. Scott P, Cordeiro R, Menezes M, organizadores. Gênero e geração em contextos rurais. Florianópolis: v. 1, p. 279-311, 2010.

**SOUZA**, Maria José Marinho de. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 27 de novembro de 2018.

**STEIN**, M. L. T. Gênero feminino no contexto do trabalho feminino. In: Anais da reunião anual da sociedade brasileira de pesquisa, 20. 2000. Rio de Janeiro: SBPC, 2000.

**STREY**, M. N. Gênero, Família e Sociedade. In: Strey, M.N.; Neto, J.A.S. & Horta, R.L. (orgs). Família e Gênero, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

**THOMPSON**, E. P. Costumes em comum; revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes – São Paulo: companhia das Letras, 1998.

**TOLSTOI**, Leon. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

**WAGNER**, A.; **PREDEBON**, J.; **MOSMANN**, C.; **VERZA**, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. Psicologia Teoria e Pesquisa, p. 181- 186, 2005.

